



Podca\$t Economia\$ Mutante\$

Podca\$t Economia\$ Mutante\$

Laboratório de Estudos em Economias e Globalizações

Episódio #10: Café entre Timor e o mundo

Roteiro: Ana Carolina Oliveira

Edição de roteiro: Irene do Planalto Chemin e Kelly Silva

ABERTURA

[Trilha sonora: música eletrônica com elementos sonoros que remetem a economia, como sons de feira e som de cupom fiscal. A música permanece ao longo de toda a fala de Kelly]

Kelly: “O café venceu, não só porque em Timor encontrou um ambiente propício ao seu cultivo e à produção de uma variedade comercial que era especialmente valiosa, mas também porque podia ser reduzido a condições de mata nativa, um pequeno arbusto pobre colocado sob a copa de... [outras plantas] e que consegue viver e produzir sem qualquer outro trabalho além da colheita... Na realidade psicológica da população, explorar uma plantação de café significa praticamente colher os frutos, o único trabalho que os produtos da mata nativa exigem.” - Relatório de Helder Lains e Silva, engenheiro agrônomo, em 1956, para a colônia portuguesa sobre Timor e a cultura do café.

Bem-vindos, bem-vindas, bem-vindes ao Economias Mutantes, um podcast sobre transformações econômicas contemporâneas pelas lentes da antropologia.

Eu sou Kelly Silva, antropóloga e professora da Universidade de Brasília.

No episódio de hoje, “Café entre Timor e o mundo”, a antropóloga Ana Carolina Oliveira acompanha as muitas transformações do café e as conexões que ligam Timor-Leste a uma economia global. Partindo de pesquisas realizadas por ela e pela antropóloga Susanna Barnes, o episódio percorre a chegada e a expansão do café durante o período colonial português, o surgimento espontâneo do Híbrido de Timor e sua importância para a cafeicultura mundial, até chegar às transformações mais recentes na economia e na cultura do café.

Ao longo desse percurso, o café aparece não apenas como produto de exportação, mas também como herança familiar, memória e símbolo de identidade, enquanto novas cafeterias, mercados de cafés especiais e formas de produzir e atribuir valor ao café ganham espaço em Timor-Leste.

E no centro dessa história está uma planta bastante particular que surgiu nas montanhas de Timor, onde uma mutação genética espontânea transformou — ou, melhor, salvou o café do mundo -como dizem muitos de seus interlocutores timorenses. Então pega uma xícara de café e vem com a gente.

Bloco 1: Introdução

Ana Carolina: Sabe, hoje em dia, o café desempenha um papel fundamental na economia nacional de Timor-Leste. É a principal exportação não petrolífera do país, é uma importante fonte de renda anual para quase um terço das famílias das zonas rurais e tá cada vez mais presente também na economia urbana, nas dezenas de cafeterias e restaurantes que, a cada ano que passa, aumentam ainda mais seus cardápios de café.

E é claro que isso não é uma particularidade de Timor. A gente tá falando de um produto que ocupa um lugar enorme na economia e na vida cotidiana em diferentes partes do mundo. Nas últimas décadas, não cresceu somente o consumo de café, mas também toda uma cultura em torno dele. Cafeterias se multiplicaram, novos

cafés surgiram nas cidades, e muitas vezes com logos bem trabalhados, slogans de “barista”, de “origem única”, de “torra especial”.

O conceito de café especial ganha força justamente nesse processo de diferenciação do café como produto de qualidade e experiência, com foco em rastreabilidade, métodos de preparo mais precisos e valorização das características sensoriais de cada origem. Nesse processo, profissões como a de barista também ganham espaço e se profissionalizam com treinamento técnico, certificações e até uma linguagem própria fazendo parte desse universo cada vez mais especializado.

E talvez você mesmo já tenha reparado nisso no seu dia a dia: aquele café que antes era quase sempre o mesmo — em casa, no trabalho, na repartição pública, aquela jarra de café coado sobre a mesa, o copo de plástico ao lado, algo quase automático — hoje convive com uma experiência completamente diferente. Não é mais só “com ou sem açúcar”, “com ou sem leite”. Agora você entra em um lugar e escolhe entre métodos de preparo, tipos de grão, notas sensoriais, intensidade, origem... inúmeras opções. É quase como se o café tivesse deixado de ser só “café” e virado uma espécie de nova linguagem.

Mas esse universo de cafeterias, cafés especiais e novas formas de consumo é só uma parte de uma economia muito maior. Por trás dele existe um mercado global gigantesco, onde grande parte do café ainda circula como commodity e onde os países ocupam posições muito diferentes.

O café que chega à xícara de grande parte da população mundial percorre uma longa cadeia. Tem os lugares onde ele é plantado e colhido; passa pelas primeiras etapas de processamento até chegar ao grão verde, pronto para ser torrado; e continua circulando por outros lugares onde é torrado, transformado, embalado, vendido e, finalmente, consumido.

E essa geografia muda bastante dependendo de qual momento dessa cadeia a gente olha.

Há quase dois séculos, o Brasil é o maior produtor e exportador de café verde do mundo. Vietnã e Colômbia também são grandes produtores e exportadores. Mas quando a gente passa do grão verde para o café já torrado, a história muda.

Em 2023, Suíça, Itália e Alemanha foram os três maiores exportadores de café torrado do mundo, em valor. E olha que interessante: estamos falando de três países que, podemos dizer, não cultivam café. Eles importam grãos produzidos no Brasil, Vietnã, Colômbia e em tantos outros países e participam de outras etapas dessa cadeia: torra, criação de blends, embalagem, construção de marcas e comercialização.

O valor que se adiciona nessas etapas é tremendo. Para ter uma ideia, em 2023, a Suíça exportou mais de 3 bilhões de dólares em café torrado. Itália e Alemanha, mais de 2 bilhões cada.

Então, entre a árvore e a xícara, não circula só o café. Circula também valor.

[Trilha sonora: música eletrônica com elementos sonoros que remetem a economia, como sons de feira e som de cupom fiscal]

E, bom, é dentro dessa economia mundial — enorme, diversa e bastante desigual — que também está Timor-Leste.

A importância do café em Timor-Leste pode parecer quase irrisória quando a gente olha para a participação do país na produção mundial de café. Em 2024, Timor-Leste respondeu por cerca de 0,09% do café produzido no mundo. Para colocar isso em perspectiva: é como se a cada mil quilos de café produzidos globalmente, menos de um quilo viesse de Timor-Leste. É uma participação minúscula. E talvez seja justamente aí que essa história fique ainda mais interessante.

Porque, se Timor-Leste ocupa um espaço tão pequeno na produção mundial, como esse pequeno país do Sudeste Asiático pode ter tido tamanha importância para o café que consumimos hoje em diferentes partes do mundo? Como essa cultura

agrícola chegou por essas bandas do mundo? E como uma planta introduzida como parte de um projeto colonial acabou ganhando tantos outros lugares na economia, na memória e na vida das famílias que a produzem?

É sobre isso que a gente vai conversar no episódio de hoje, a partir da minha pesquisa como antropóloga e Pesquisadora Afiliada da Universidade de Sydney, e também da pesquisa de Susanna Barnes, antropóloga e professora da Universidade de Saskatchewan, no Canadá.

A nossa conversa também vai contar com a presença de algumas pessoas especiais que se dispuseram a participar do podcast e compartilhar suas histórias com a gente, nos ajudando a desvendar essa complexa rede de histórias e significados que o café carrega para Timor-Leste e para o mundo.

Bloco 2: A chegada do café em Timor

[Trilha sonora: Música em Tetum com o convite “Hemu café”]

Ana Carolina: Foi durante o período dos impérios coloniais, entre os séculos XVII e XIX, que o Sudeste Asiático passou a ser habitado por árvores de café. A Holanda teve um papel central para a expansão do café pelas ilhas montanhosas da Indonésia; a França, pelo planalto central do Vietnã; e Portugal, pelas montanhas de Timor-Leste.

Se o início da colonização portuguesa em Timor-Leste teve como principal produto de exploração econômica o sândalo, o café foi o segundo grande marco. E ele moldou profundamente a relação que Portugal passou a ter com a sua colônia mais ao oriente de todas.

Registros indicam que a árvore do café chegou à ilha de Timor por Maubara, no município que hoje chamamos de Liquiçá, pelas mãos dos holandeses. Para situar vocês um pouco nessa geografia, vale lembrar que o território que hoje chamamos de Timor-Leste ocupa a parte leste da ilha de Timor, enquanto a parte oeste pertence à Indonésia. E se até hoje, quando cruzamos essa fronteira terrestre,

encontramos enormes continuidades entre os dois lados, no século XVIII essas fronteiras eram ainda mais porosas.

Naquele período, o território estava em constante disputa entre holandeses e portugueses. Maubara, que fica a cerca de 50 quilômetros da atual capital, Díli, por exemplo, só passou para as mãos portuguesas em 1859. Mas, desde a primeira década do século XIX, Portugal já buscava seguir alguns dos passos dos holandeses e ampliar as áreas de produção de café em Timor, usando, para isso, diferentes estratégias.

Nas primeiras décadas, buscou trabalhadores chineses e também exilados vindos de Portugal ou da Índia. Mas foi principalmente através de incentivos monetários oferecidos às autoridades indígenas locais que uma parte cada vez maior das terras de Timor-Leste passou a ser ocupada por árvores de café. Por exemplo, as autoridades recebiam em torno de 80 rupias, moeda que circulava naquele tempo, pela plantação de cinco mil pés de café.

E a expansão foi enorme. Em 1858, o café representava cerca de 4% das exportações da colônia. Apenas sete anos depois, em 1865, já representava mais de 66%. Mas como sustentar uma expansão tão rápida? E, principalmente, quem sustentava essa produção?

Durante o trabalho de campo mais recente no suco Hatolia, os sucos são unidades administrativas locais que reúnem diferentes aldeias, essa história apareceu também nas memórias das pessoas que vivem hoje em antigas áreas de produção de café. Em uma antiga área da Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho, a SAPT, muitas vezes chamada só de Sociedade, o Sr. Samuel, o Sr. Francisco e a sra. Eva me contaram a história sobre aquelas terras e sobre como elas passaram para as mãos da empresa durante o período colonial.

[[Fala do Sr. Samuel e Sr. Francisco, Eva: Arquivo - Parte I_Conversa ho Sr. Samuel no avo Evaristo - Kastigo too mate

Transcrição em tetum: “Iha ne’e, hanesan uluk ne’e, malae mai husi Portugal, mai, mai usa iha ne’e, Timor selu imposto. Ne’e rai, hanesan... rai sociedade

ne'e, osan la iha atu selu imposto, entaun tenke fó rai uitoan uitoan ba Sociedade para hodi fó osan mai para hodi selu imposto. Iha ne'e, rai iha ne'e ne'e, uluk ne'e Timor nia hotu, orijen Timor nian. Rai ne'e origem povo nian. Tamba uluk ne'e porto too mai, iha ne'e ne'e, be, ema... Sistema ditadura uluk nian. Kuandu imposto, too tempu ida atu selu nee, mak la iha, tenke kaer ba lori ba kastigu. Kastigu too mate. Kastigu too mate. Ba ema... Iha ne'e ema bolu rai rua, ida Atauro ki'ik, ida Atauro boot. Atauro boot ne'e mak ba ne'ebá, Atauro ki'ik ne'e tun ba kraik, suco Alelo nian. Ne'e tenke kastigu ba fatin rua ne'e. Kastigu too mate.]

Eles nos dizem o seguinte:

“Antigamente, quando os portugueses chegaram a Timor, as pessoas tinham que pagar impostos. Muitas não tinham dinheiro para pagar e, por isso, foram entregando pouco a pouco suas terras para a Sociedade, em troca do dinheiro que precisavam para pagar esses impostos. As terras daqui, antigamente, eram todas de Timor. A terra é originalmente de Timor, do povo. Naquele tempo, o sistema era uma ditadura. Quando chegava a hora de pagar o imposto e a pessoa não tinha dinheiro, ela poderia ser levada para ser castigada. E esse castigo podia chegar até a morte.

Havia dois lugares para onde as pessoas eram levadas: um era Atauro Boot, a Ilha de Atauro, e o outro era Atauro Ki'ik, uma área que fica mais abaixo, no suco de Alelo. As pessoas eram levadas para esses lugares para serem castigadas. O castigo podia chegar até a morte. Até a morte.”

Essa é uma memória sobre o período colonial que continua circulando entre as pessoas que vivem hoje nessas antigas áreas de produção de café. E os registros históricos nos ajudam a entender alguns dos mecanismos de coerção que estiveram por trás da expansão dessa cultura.

Quando Affonso de Castro assumiu o governo de Timor, em 1859, ele tinha planos bastante ambiciosos para o café. Portugal buscou reproduzir em Timor um sistema inspirado no modelo que os holandeses haviam utilizado nas Índias Orientais que combinava cultivo forçado e entrega compulsória da produção aos agentes do governo.

Produzir café significava dedicar terra e trabalho a uma cultura voltada para exportação, ao mesmo tempo em que a população estava sujeita a outras formas de trabalho obrigatório para a administração portuguesa, como por exemplo na construção de estradas.

Mats Lundahl e Fredrik Rurolm Sjöholm, no livro “A criação da Economia de Timor-Leste, Volume 1, História de uma colônia” publicado em 2019, mostram que essas obrigações, somadas à cobrança de impostos, fizeram parte de um período marcado por tensões e revoltas contra a administração portuguesa ao longo da segunda metade do século XIX. Nas últimas décadas daquele século, essa relação entre café, terra e trabalho ganhou ainda uma outra dimensão: a expansão das grandes plantações.

Durante o governo de José Celestino da Silva, a administração colonial passou a favorecer esse modelo. E é aqui que reaparece a Sociedade mencionada pelos meus interlocutores. Em 1897, foi criada no município de Ermera a Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho, a SAPT, inicialmente com cerca de dois mil hectares e voltada principalmente para o café. Poucos anos depois, a SAPT e outras companhias continuaram estabelecendo grandes propriedades na região.

E é importante entender também como essas plantações conseguiam trabalhadores. Segundo os registros reunidos pelos autores, os proprietários informavam ao comandante militar local quantas pessoas precisavam. O comandante recorria então às autoridades timorenses, que deveriam fornecer aquele número de trabalhadores, conhecidos como auxiliares. Muitos eram trazidos de outras regiões para trabalhar por determinados períodos nas plantações. Mulheres e até crianças a partir dos dez anos também podiam ser submetidas ao trabalho obrigatório. Além do trabalho nos cafezais, timorenses eram recrutados para carregar a produção até as estradas ou até a costa.

Em alguns casos, a coerção ia ainda mais longe. Os autores descrevem registros de pessoas capturadas durante guerras e campanhas militares que teriam sido enviadas para trabalhar nas plantações e permanecido vinculadas a elas por

contratos sucessivamente renovados. A partir dessas evidências, eles apontam para a existência de formas de quase escravidão, mesmo depois da abolição oficial da escravidão em Timor português, em 1875.

E essa, infelizmente, está longe de ser uma história particular de Timor.

E tudo isso significa que aquela expansão impressionante das exportações que mencionamos tinha também uma dimensão muito concreta na vida das famílias timorenses.

[Efeito sonoro fai com conversa]

Quando a gente diz que o café se tornou a grande cultura de exportação de Timor, é importante lembrar que essa transformação da paisagem não aconteceu separada da transformação das relações de poder sobre terra, trabalho e circulação da própria produção.

Bloco 3: Híbrido de Timor

Ana Carolina: Enquanto tudo isso acontecia, as próprias árvores de café também começavam a enfrentar uma transformação.

Nas últimas décadas do século XIX, uma doença que já vinha causando enormes prejuízos em outras regiões produtoras do mundo chegou a Timor: a ferrugem do café.

Essa foi uma doença identificada pela primeira vez nas arvores de café no Quênia, em 1861, e que não demorou muito para causar impactos em outras regiões produtoras. Com uma capacidade de transmissão muito alta, uma planta infectada podia, em pouco tempo, atingir muitas outras plantas.

Em Timor, segundo Mats Lundahl e Fredrik Ruholm Sjöholm, uma das consequências foi que o cultivo do café, que também ocupava zonas mais baixas e quentes, passou a se concentrar cada vez mais nas áreas de maior altitude.

E é aqui que as montanhas de Ermera voltam a ocupar um lugar central na nossa história.

Atualmente, Ermera é o município de Timor-Leste que mais produz café. Embora os dados quantitativos de produção por município estejam bastante desatualizados, a última estimativa baseada em dados do Banco Mundial, de 2001, indicava que Ermera concentrava cerca de 50% da produção nacional. Os outros 50% estavam distribuídos entre outros sete municípios produtores.

Mas a importância de Ermera não está só na quantidade de café que sai de suas montanhas. O município também ocupa um lugar fundamental na história do café de Timor, e, de certa forma, na própria história mundial do café. É de lá que vem o que hoje é mundialmente conhecido como Híbrido de Timor.

Em 1927, quando a ferrugem do café já havia se disseminado e deixado impactos nas economias de diferentes países produtores, inclusive no Brasil, uma árvore nas montanhas de Ermera chamou a atenção. Ela estava em uma plantação da já mencionada Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho, a SAPT, no suco de Fatubessi. Enquanto outras árvores haviam sido atingidas pela ferrugem, aquela permanecia ali, vigorosa, sem qualquer sinal da doença. E aí veio a pergunta: “Como assim uma planta de café que não tem nenhum sinal de ferrugem?”

Esse encontro deu início a um novo capítulo. A planta começou a ser estudada, suas folhas e sementes foram analisadas e descobriu-se que aquele cafeeiro tinha uma característica bastante particular. Enquanto os cafezais eram formados principalmente por duas espécies — *Coffea arabica*, o café Arábica, e *Coffea canephora*, que a gente conhece principalmente como Robusta — aquela planta era resultado de um cruzamento espontâneo e natural entre as duas. Nascia, assim, o Híbrido de Timor.

A planta original tinha muito vigor, mas não era particularmente produtiva. Só que ela carregava uma característica que mudaria completamente essa história: uma resistência extraordinária à ferrugem do café.

A partir de 1940, a SAPT começou a utilizar sementes dessa planta para estabelecer pequenos cafezais experimentais. Durante quase uma década, essas plantas foram sendo observadas e selecionadas. E, a partir de 1956, sementes das plantas que apresentavam as melhores características começaram a ser utilizadas em maior escala para estabelecer novos cafezais por diferentes partes da ilha.

Os impactos não ficaram só em Timor. Em 1957, populações dessas plantas foram enviadas para Oeiras, em Portugal, para serem estudadas no Centro de Investigação das Ferrugens do Cafeeiro. O centro tinha sido criado apenas dois anos antes, em 1955, justamente para estudar a ferrugem do café. E Portugal oferecia uma condição bastante particular para isso: como o país não é produtor de café, pesquisadores podiam reunir e estudar diferentes variantes do fungo sem colocar plantações comerciais em risco. Ao longo desse trabalho, o centro chegou a reunir cerca de quatro mil amostras de ferrugem, provenientes de diferentes partes do mundo e classificadas em dezenas de variantes diferentes. Foi nesse contexto que o Híbrido de Timor começou a revelar a dimensão da sua importância.

Depois de selecionar e caracterizar as plantas enviadas de Timor, os pesquisadores identificaram genótipos resistentes a todas as variantes de ferrugem conhecidas naquele momento. Esses cafeeiros foram então cruzados com variedades comerciais de Arábica. E seus descendentes, junto com sementes do próprio Híbrido de Timor, começaram a viajar.

Foram enviados para centros de pesquisa de café em praticamente todas as regiões produtoras do mundo. E o impacto dessa circulação foi enorme. Segundo o próprio Centro de Investigação, mais de 90% das variedades resistentes à ferrugem cultivadas em diferentes países cafeicultores foram desenvolvidas a partir dos estudos realizados com o Híbrido de Timor.

Estamos falando de variedades cultivadas em diferentes partes do mundo. No Brasil, por exemplo, variedades como Oeiras, Obatã e Tupi têm o Híbrido de Timor entre seus ancestrais. E essa história se repete na Colômbia, Honduras, Costa Rica, México, Quênia, Índia, Vietnã, Papua-Nova Guiné e tantos outros países produtores.

Ou seja: aquela árvore encontrada nas montanhas de Ermera, resultado de um cruzamento que aconteceu espontaneamente em Timor, passou a fazer parte da composição genética de variedades de café cultivadas em diferentes partes do mundo.

É nesse sentido que muitos dos nossos interlocutores dizem, com bastante orgulho, que Timor ajudou a salvar o café do mundo.

Mas tem uma outra história acontecendo ao mesmo tempo. Uma história muito mais localizada — e que aparece quando a gente deixa os centros de pesquisa e volta para as montanhas de Timor.

Durante a minha pesquisa de campo, entre junho e novembro de 2023, foram vários os momentos em que famílias com quem conversei me explicaram a origem de seus cafezais dizendo mais ou menos a mesma coisa: “meu avô trouxe essa árvore de Fatubessi, em Ermera”.

Essa história aparecia em lugares diferentes e principalmente fora de Ermera. E uma coisa que sempre me chamou atenção era justamente quem aparecia como protagonista dela. Nas narrativas das famílias, eram os avós, os antepassados, que tinham ido buscar aquelas plantas, carregado as mudas ou sementes e começado seus próprios cafezais.

É interessante colocar essas memórias lado a lado com os registros históricos sobre a expansão do café durante o período colonial. Porque, como ouvimos, o café não foi um fruto qualquer na história da colonização portuguesa em Timor. A expansão dos cafezais esteve profundamente ligada à própria expansão da administração colonial para o interior do território. Depois da exploração e do extenso desmatamento do sândalo, o café se tornou o principal produto capaz de oferecer sustentação econômica à colônia e à metrópole.

Mas, em outros casos, quando essa história é contada hoje pelas famílias produtoras, uma outra dimensão aparece. O café não é lembrado somente como

uma cultura introduzida e expandida durante o período colonial. Ele aparece também como herança. As árvores que aparecem na pesquisa conectam as famílias aos avós e aos antepassados que plantaram aqueles cafezais. E cuidar dessas árvores, continuar produzindo café e transmitir a terra e as plantas para as próximas gerações aparece também como uma forma de manter a cultura, e de manter uma relação com aqueles que vieram antes.

Bloco 4: Café Hoje

Ana Carolina: E aqui também está uma grande parte do nosso interesse de pesquisa.

Porque aquilo que chegou a Timor como parte de um projeto colonial, e que por tanto tempo esteve ligado à exploração da terra e do trabalho para exportação, foi também sendo incorporado às histórias das famílias, às memórias sobre os antepassados e à própria maneira como as pessoas contam a sua relação com o café hoje.

Em 2022, o presidente José Ramos-Horta lançou uma campanha com uma frase que resume muito bem essa associação: “Kafé, Ita-nia Identidade, Ita-nia Kultura” — café, nossa identidade, nossa cultura.

E é interessante pensar nessa frase olhando para a história que contamos até aqui. Porque existe uma transformação importante nesse percurso. O café chegou a Timor e se expandiu como parte de um projeto econômico colonial, voltado principalmente para a produção e a exportação. Hoje, no entanto, o café, além de continuar sendo um dos principais produtos da economia do país, também passa a ocupar um lugar dentro de outro projeto: o projeto de construção da própria nação.

Quando o Estado fala em “Kafé, Ita-nia Identidade, Ita-nia Kultura” — café, nossa identidade, nossa cultura —, aquela planta que um dia esteve no centro de um projeto econômico colonial aparece agora também como parte de uma narrativa de identidade nacional.

E aqui, mais uma vez, existe uma outra mudança acontecendo em torno do café em Timor.

Ela aparece nas cidades. Em Díli, as cafeterias se multiplicaram nos últimos anos e, com elas, surgem outras maneiras de consumir, valorizar e falar sobre o café produzido no país. Durante conversas com baristas e proprietários de cafeterias, vários deles descreveram o café “de máquina” como uma nova forma de tomar café — algo que, como eles mesmos diziam, “não sabiam tomar” antes.

E essa mudança é bastante recente. Quando eu cheguei a Timor-Leste pela primeira vez, em 2017, encontrar uma cafeteria que tivesse no cardápio diferentes tipos de café, preparos e origens ainda era algo relativamente raro. Eu me lembro de poucas marcas que tinham o café como foco principal, como Letefoho Specialty Coffee e Kafé Uut, além da franquia internacional Gloria Jean's. É claro que hotéis e alguns restaurantes já tinham suas máquinas e seus baristas, mas o café ainda não ocupava nesses espaços o lugar que ocupa hoje.

Quando eu voltei, em 2023, encontrei uma paisagem muito diferente. E ela continua mudando. Novas cafeterias, novas marcas, torrefadores, baristas, compradores e diferentes formas de falar sobre qualidade e origem. Às vezes, acompanhar quem compra de quem, quem trabalha com quais produtores e para onde cada café vai, chega a me deixar um pouco zozna.

Isso não significa que os esforços para diferenciar e agregar valor ao café de Timor começaram agora. Desde os primeiros anos da independência, diferentes organizações vêm trabalhando diretamente com produtores nas montanhas. Organizações japonesas, por exemplo, estabeleceram relações de longa duração com grupos específicos de produtores em lugares como Letefoho, em Ermera, e Maubisse, em Ainaro. Durante muito tempo, eram relativamente poucos os atores que faziam essa ponte entre pequenos produtores e os mercados de exportação.

O que parece ter mudado nos últimos anos é a quantidade e a diversidade dessas conexões — e também o tipo de valor que se busca construir em torno desse café.

Parte disso acompanha aquele movimento global que a gente comentou no começo do episódio: a crescente procura por cafés diferenciados, cuja origem pode ser identificada e cujas características específicas de sabor, variedade e processamento passam a fazer parte do próprio valor do produto.

Mas essa transformação também é resultado de esforços muito específicos dentro de Timor-Leste para posicionar o café do país nesse mercado.

A partir de meados da década de 2010, esses esforços começam a ganhar novas estruturas. Em 2016, por exemplo, foi criada a Associação Café Timor, e competições e festivais passaram a colocar cafés produzidos no país diante de sistemas de avaliação de qualidade e de profissionais nacionais e internacionais. Ao mesmo tempo, foram criados espaços de formação para baristas e para os chamados Q Graders — profissionais treinados para avaliar a qualidade do café de maneira padronizada, identificando aromas, sabores, defeitos e outras características do grão.

E aqui uma outra figura começa a ganhar espaço nessa história: os direct traders, ou comerciantes que trabalham com relações mais diretas entre produtores e compradores. Em alguns desses arranjos, cafés produzidos por grupos específicos de agricultores em Timor são conectados a torrefadores na Austrália, no Reino Unido e em outros mercados.

Para entrar e permanecer nesses circuitos, existe todo um trabalho de controle de qualidade: produtores participam de treinamentos, práticas de colheita e processamento são acompanhadas, lotes são avaliados e essas relações precisam ser mantidas safra após safra.

Então existe um movimento acontecendo nas duas direções. Há um esforço para levar o café de Timor para o mercado global de cafés especiais, mas também para trazer toda uma cultura do café especial para dentro de Timor — seus métodos, seus padrões de qualidade, seus profissionais, sua linguagem e também suas formas de atribuir valor ao café.

E aí a pergunta que nos interessa passa a ser: Quando tudo isso chega às montanhas, o que muda para as famílias que produzem esse café? O que significa transformar uma árvore herdada dos avós em um café de origem, avaliado por nota, qualidade e perfil sensorial? Quem consegue entrar nesses novos circuitos? Quem fica de fora? E quanto desse valor que a gente viu circulando entre a árvore e a xícara chega, de fato, a quem cultiva e colhe o café?

E voltar ao Híbrido de Timor talvez seja a melhor forma de encerrar o nosso episódio. Ele surgiu espontaneamente nas montanhas de Ermera, em meio a uma paisagem de café construída durante o período colonial. Foi identificado, selecionado e levado para fora de Timor, até passar a fazer parte da história de variedades de café plantadas em diferentes lugares do mundo.

Mas ele também ficou. Ficou nas montanhas, nas árvores que passaram de uma geração para outra e nas histórias de famílias que ainda hoje contam que foram seus avós que trouxeram aquelas plantas de Fatubessi.

Quase cem anos depois daquela primeira árvore chamar a atenção em Ermera, o Híbrido de Timor permite contar mais do que a história de uma mutação genética do café. Ele permite contar também as transformações do lugar que o próprio café ocupa em Timor: de produto de uma economia colonial a herança familiar e fonte de renda; de cultura agrícola a kultura e símbolo de identidade nacional; e, agora, também um café que se busca diferenciar e reposicionar dentro de um mercado global cada vez mais interessado em origem, qualidade e histórias.

Talvez seja por isso que, quando em Timor se diz que o país ajudou a salvar o café do mundo, não se está falando apenas de uma planta resistente à ferrugem. Está se falando também de uma história que Timor hoje reivindica como sua.

E isso não apaga as contradições dessa história. O passado colonial não desaparece, assim como não desaparecem as desigualdades de um mercado global em que nem todos ocupam o mesmo lugar. Mas mudam as formas como o café é apropriado, narrado, valorizado e colocado novamente em circulação.

E talvez seja justamente isso que essa história nos permita acompanhar: não apenas como o café transformou Timor, mas como Timor também transformou o café — e continua transformando os significados que ele pode carregar.

FECHAMENTO

[Trilha sonora: música eletrônica com elementos sonoros que remetem a economia, como sons de feira e som de cupom fiscal. A música permanece ao longo de toda a fala de Kelly]

Kelly: Você acabou de ouvir o podcast Economia\$ Mutante\$, uma produção do Laboratório de Estudos em Economias e Globalizações, vinculado ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. O episódio de hoje, O Café entre Timor Leste e o Mundo, é produto das pesquisas realizadas por Ana Carolina Ramos Oliveira e Susana Barnes.

A pesquisa é fruto de fomento da Universidade de Saskatchewan e do Australian Centre for International Agricultural Research, o ACIAR. A Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal, FAP-DF, é quem fomenta a produção desse podcast. Além de agradecer essas instituições de fomento à pesquisa, agradecemos também à Sra. Verônica, ao Sr. Samuel, ao Sr. Evaristo, à Sra. Eva e todas as famílias de Ratualia, Ermera, que receberam Ana Carolina Oliveira e dedicaram seu tempo para conversar com ela. Se quiser saber mais sobre os trabalhos do LEEG, acesse nosso site www.leg.dan.bsb.br, ou ainda nosso perfil no Instagram, @leeg.unb.

Na descrição desse episódio, no site do LEEG, você encontra sua transcrição completa e materiais extras referentes ao tema. A apresentação e roteiro do episódio foram elaborados por Ana Carolina Ramos Oliveira, sob orientação de Kelly Silva e Irene do Planalto Chemim. A edição de roteiro, edição de áudio, sonoplastia e finalização é de Irene do Planalto Chemim. A música tema do nosso podcast é de Fábio Popinigis. Rafael Caron é o autor da identidade visual do nosso podcast, e Irene do Planalto Chemim é quem cuida da comunicação e divulgação. Por fim, eu, Kelly Silva, sou a coordenadora geral desse podcast. Até a próxima.